

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 3

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 3

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural
3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de
Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-29-0

DOI 10.22533/at.ed.290201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de
Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO E PERFIL DOCENTE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS	
Julliano Cruz de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013021	
CAPÍTULO 2	14
FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL: PRINCIPAIS CAUSAS	
Maria do Rosário Alves de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2902013022	
CAPÍTULO 3	24
GAME DA ÁGUA: UMA ATIVIDADE LÚDICA PARA O ENSINO DA QUÍMICA DA ÁGUA PARA ALUNOS DE ENSINO MÉDIO	
Regianne Ferreira da Silva	
Karolayne Amorim Souza	
Tatiana. Aparecida Rosa da Silva	
Edina Cristina Rodrigues de Freitas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2902013023	
CAPÍTULO 4	36
BRINCADEIRA PROTAGONIZADA COMO POSSIBILIDADE DIDÁTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR	
Fernanda Oliveira Brigatto Silvano	
DOI 10.22533/at.ed.2902013024	
CAPÍTULO 5	45
GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: PERSPECTIVAS E REALIDADE	
Nazaré dos Santos Costa Alves	
Ione Oliveira Jatobá Leal	
DOI 10.22533/at.ed.2902013025	
CAPÍTULO 6	54
IGARAPÉ BEM TEMPERADO 2016: A EXTENSÃO DA APRENDIZAGEM PARA ALÉM DOS MUROS DA FACULDADE	
Laylla Gabrielle Borges Correia Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.2902013026	
CAPÍTULO 7	69
INFÂNCIAS MARCADAS PELAS DINÂMICAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS: UM DIÁLOGO ENTRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E PAULO FREIRE	
Ana Sebastiana Monteiro Ribeiro	
Renata Cristina de L.C.B. Nascimento	
Samantha Dias de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2902013027	

CAPÍTULO 8	79
JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DO JOGO RPG (<i>ROLE PLAYING GAME</i>) DIGITAL PARA O ENSINO <i>ONLINE</i> DAS ROTAS DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS NA BAHIA	
Joelma Cerqueira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013028	
CAPÍTULO 9	88
<i>LIGHTBOT</i> LOGICAMENTE: UM GAME LÚDICO AMPARADO PELO PENSAMENTO COMPUTACIONAL E A MATEMÁTICA	
Daniella Santaguida M. de Souza Graziela Ferreira Guarda Ione Ferrarini Goulart Maria Luiza F. Goulart	
DOI 10.22533/at.ed.2902013029	
CAPÍTULO 10	99
LITERATURA GAMIFICADA	
Carolina Müller	
DOI 10.22533/at.ed.29020130210	
CAPÍTULO 11	109
NANOCIÊNCIA E NANOTECNOLOGIA: UMA PROPOSTA MULTIDISCIPLINAR PARA O ENSINO MÉDIO	
Marccus Victor Almeida Martins Débora Silva Vidigal Dourado Jerliam Soares Araújo Jocélia Pereira de Carvalho Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130211	
CAPÍTULO 12	117
NOVOS OLHARES SOBRE A PEDAGOGIA	
Rosemeire Ferrarezi Valiante Noely de Assunção Gomes Priscila Dayse Gomes Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.29020130212	
CAPÍTULO 13	133
O CURSO DE EXTENSÃO <i>OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO</i> : REFLEXÕES, MUDANÇAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NOS RESULTADOS JUNTO ÀS CRIANÇAS ALFABETIZANDAS	
Luciane Manera Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.29020130213	
CAPÍTULO 14	145
O ENSINO DO DIREITO PARA OS INDÍGENAS	
Nadia Teresinha da Mota Franco Patrícia Guerrero	
DOI 10.22533/at.ed.29020130214	

CAPÍTULO 15	157
O ENSINO SUPERIOR PRIVADO E O PROCESSO DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM RONDÔNIA	
Rudhy Marssal Bohn Marilsa Miranda de Souza Francisco Cetrulo Neto	
DOI 10.22533/at.ed.29020130215	
CAPÍTULO 16	177
O PAPEL DO CORPO NOS PROCESSOS EDUCATIVOS: A RELAÇÃO CORPO/MENTE NA ESCOLA	
Caio Cezar Piraciaba de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.29020130216	
CAPÍTULO 17	188
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO CENÁRIO DAS ASSIMETRIAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA	
Ana Kely Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.29020130217	
CAPÍTULO 18	201
O PROFESSOR, A SALA DE AULA, OS DESAFIOS QUE SE APRESENTAM E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA	
Diego Souza dos Santos Irene da Silva Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.29020130218	
CAPÍTULO 19	211
O USO DE <i>FANFICTIONS</i> COMO PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Greicielle da Silva Borges Karyne Paula de Souza Franco Tauã Carvalho de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.29020130219	
CAPÍTULO 20	219
O USO DO LITEMAP EM UMA DISCUSSÃO COLABORATIVA	
Luziana Quadros da Rosa Renata Oliveira da Silva Lucyene Lopes da Silva Zaida Cristiane dos Reis Márcio Vieira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.29020130220	
CAPÍTULO 21	231
OBJETOS E FOTOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Jéssica Domenic Candiani Martins Magda Madalena Tuma	

DOI 10.22533/at.ed.29020130221

CAPÍTULO 22 245

OFICINA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA PROFESSORES DO QUARTO E QUINTO ANO DA ZONA RURAL DA SEMED

Cleusa Suzana Oliveira de Araujo
Lucia Helena Soares de Oliveira
Maria José Pereira de Sousa
Kamila Queiroz Guimarães
Elizama de Oliveira Pereira Gaspar

DOI 10.22533/at.ed.29020130222

CAPÍTULO 23 254

OS DESAFIOS DO ENSINO DE LIBRAS: ADEQUAÇÃO DOS LÉXICOS UTILIZADOS NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS DA UFJ

Thábio de Almeida Silva
Kamilla Fonseca Lemes
Érica Ferreira Melo

DOI 10.22533/at.ed.29020130223

CAPÍTULO 24 264

OS MÉTODOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NO MUNICÍPIO DE RIO VERDE – GO

Ayer Barsanulfo Franco
Alexsandro Silva Mateus
Max Miliano Costa
Jair Pereira Melo Júnior
João Eduardo Viana Guimaraes

DOI 10.22533/at.ed.29020130224

CAPÍTULO 25 272

OS POVOS ORIGINÁRIOS DO CARIRI PARAIBANO: DIÁLOGOS ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Elenilda Sinésio Alexandre da Silva
Aristófanés Alexandre da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29020130225

CAPÍTULO 26 280

OS SABERES NECESSÁRIOS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UM OLHAR SOB O PRISMA DISCENTE

Leonardo Mendes Bezerra
Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho
Terezinha de Jesus Maia Lima

DOI 10.22533/at.ed.29020130226

CAPÍTULO 27 292

OUTRO PERSONAGEM DE RANCIÈRE? - LOUIS-GABRIEL GAUNY E SEU RELATO AUTO-FORMATIVO

Vinicius B. Vicenzi

DOI 10.22533/at.ed.29020130227

CAPÍTULO 28	305
PABLO PICASSO: TRAÇOS E DESENHOS GEOMÉTRICOS. RELATOS DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ACADEMICA DE ARTES VISUAIS – MODALIDADE PARFOR	
Lilian Verônica Souza	
Lindamir Aparecida Rosa Junge	
Roseli Kietzer Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130228	
CAPÍTULO 29	313
PAULO FREIRE E MARIO OSORIO MARQUES: UM LEGADO DE EDUCAÇÃO HUMANIZADORA	
Antônio Carlos Gonçalves do Amaral	
Milton César Gerhardt	
Walter Frantz	
DOI 10.22533/at.ed.29020130229	
CAPÍTULO 30	322
EDUCAÇÃO SEXUAL: CRIANÇAS E O PROCESSO DE (RE)CONHECIMENTO DO CORPO, DA SEXUALIDADE, DO GÊNERO E DE SUAS EXPRESSÕES	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Melissa Camilo	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Fernando Sabchuk Moreira	
Valquiria Nicola Bandeira	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Andreza de Souza Fernandes	
Monica Soares	
Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.29020130230	
SOBRE A ORGANIZADORA	351
ÍNDICE REMISSIVO	352

OUTRO PERSONAGEM DE RANCIÈRE? - LOUIS-GABRIEL GAUNY E SEU RELATO AUTO-FORMATIVO

Data de aceite: 31/01/2020

Vinicius B. Vicenzi

Universidade Federal de Santa Catarina –
Departamento de Estudos Especializados em
Educação (EED)

Florianópolis – Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/0188898377476149>

RESUMO: Este artigo apresenta algumas ideias de uma figura referencial no pensamento de Jacques Rancière: o marceneiro Louis-Gabriel Gauny. A partir dos relatos auto-formativos presentes em *Le philosophe plébéien* desenvolve o conceito de *cenar educativas*, de maneira semelhante ao modo como Rancière pensa as *cenar políticas*. Com isso, busca-se pensar a educação a partir de seus aspectos estético-políticos e, também, a partir do que Birnbaum chama de uma educação cujo aspecto ético se encontra desatrelado de toda pedagogia. Trata-se, assim, de um novo olhar sobre a obra de Jacques Rancière. Há uma intensidade de vida presente em *La Belvédère*, livro de Gauny, que nos parece interessante para avaliarmos o quanto a educação pode ser pensada a partir das memórias afetivas presentes em relatos auto-biográficos. A escrita de Gauny serve, assim, como uma espécie de

paradigma para entendermos o que Rancière chama de um *trabalho sobre si*. Este trabalho é, também, uma *experiência de escrita* que se ensaia na tentativa de compreender como o pensamento de Gauny pode nos auxiliar a pensar as relações entre emancipação, educação e filosofia política. Para isso, o conceito oferecido pelo “filósofo plebeu” de economia cenobítica nos parece fundamental para deslocarmos esse debate. Apresentar o pensamento de Gauny a partir da sua própria voz é, também, uma forma de situarmos a influência que o filósofo plebeu exerce sobre a obra de Rancière, colocando-o em paralelo à figura de Joseph Jacotot, pedagogo cuja influência na obra do filósofo francês já se encontra bastante discutida. Se *O Desentendimento*, obra fundamental do pensamento político de Rancière, é, como o próprio indica, metade influenciada por Jacotot e metade influenciada por Gauny, resta conhecermos mais a fundo essa referência para pensarmos a relação entre filosofia política e filosofia da educação que se desenvolve a partir da perspectiva filosófica aberta pelo filósofo francês.

PALAVRAS-CHAVE: cenar educativas; Louis-Gabriel Gauny; Jacques Rancière; emancipação; filosofia política.

ANOTHER RANCIÈRE'S CHARACTER? - LOUIS-GABRIEL GAUNY AND HIS SELF-TRAINING REPORT

ABSTRACT: This article presents some of the ideas of a reference figure in Jacques Rancière's thinking: the joiner Louis-Gabriel Gauny. From his self-training reports presented in *Le philosophe plébéien* we develop the concept of *educative scenes*, in a similar way as Rancière think in *political scenes*. From this perspective, we aim to think about education in its esthetical-political aspects and from what Antonia Birnbaum calls an education unhorsed of whole pedagogy. It's a new insight into Jacques Rancière's own work. There's an intensity of life in *La Belvédère*, Gauny's book, which seems interesting to evaluate how education can be thought from affective memories presented in autobiographical reports. Gauny's writing is kind of a paradigm to think of what Rancière calls a *work on you*. This work is also an essay *writing experience* which tries to comprehend how Gauny's thinking may help us to comprehend the relationship between emancipation, education and political philosophy. To fulfill this objective, the concept of *cenobitical economy* offered by the "plebeian philosopher" seems to us fundamental to move this debate. Present Gauny's thinking from his own voice is also a way to locate the influence that the plebeian philosopher exerts on Rancière's work, placing him in parallel with the figure of Joseph Jacotot, pedagogue whose influence on French philosopher's work is already well discussed. If *La Mésentente*, key work of Rancière's philosophical thinking, is, as he indicates, half influenced by Jacotot half influenced by Gauny it remains to know more deeply this reference to think about the relationship between philosophical political and philosophy of education which is developed from this philosophical perspective opened by French philosopher work.

KEYWORDS: educative scenes; Louis-Gabriel Gauny; Jacques Rancière; emancipation; political philosophy.

INTRODUÇÃO

Gostaria de chamar a atenção nesse artigo à figura de Louis-Gabriel Gauny e àquilo que podemos pensar, a partir de seus relatos, como "cenas educativas". Se a figura do pedagogo Joseph Jacotot já é, entre nós, um *nome conhecido*, a figura do marceneiro Louis Gabriel Gauny ainda não. E se é verdade que Rancière afirma em *O desentendimento* (1996) que esse livro é a tentativa de aliar a figura de Jacotot e a figura de Gauny, então penso que não se pode desconsiderar o pensamento desse marceneiro nos estudos que fazemos a partir da obra de Jacques Rancière, seja para o que se entende como "emancipação", seja o que se entende por "educação" e suas implicações para a filosofia política.

Rancière chama Gauny, no livro que dedica à sua obra, de "o atleta da emancipação", retomando uma expressão do próprio Gauny. Essa definição de atleta talvez nos sirva para ilustrar o que Gauny pensava por emancipação e que, em larga medida, não se parece com o que convencionalmente pensamos por este termo.

Gauny é um *atleta da emancipação* à medida que desenvolve para si o que chama de *economia cenobítica*, “princípios” econômicos que levam em conta as exigências de uma liberação integral do corpo operário; que destina, por exemplo, uma parcela maior de dinheiro à compra de sapatos do que seria o razoável para a época, pois pensa esse investimento como aquilo que pode liberar esse *corpo operário* a perambular mais pela cidade em busca de empregos, ser mais livre para conhecer e contemplar novas coisas enquanto faz aquilo que faz, isto é, enquanto continua operário. Eis um exemplo de tal *economia cenobítica*, cujo princípio fundamental, portanto, era “de **transformer un corps d’ouvrier**, marqué par les fureurs du travail et les abrutissements de la fatigue, **en corps de philosophe**, exhibant les marques du libre loisir de la pensée” (GAUNY, L. G. 1983, p. 94 – grifo nosso). O próprio livro dedicado aos textos de Gauny ser chamado de *Le philosophe plébeien*, uma expressão, aliás, retirada do próprio operário, não é, assim, um fato aleatório.

Para tal transformação era necessário, então, que a *economia cenobítica* garantisse a esse corpo operário “un mode de travail, de nourriture, un vêtement ou un éclairage entièrement appropriés a ces fins d’émancipation de l’âme qui rejoignent celles de la solidarité des êtres en marche vers le bien” (GAUNY, L. G. 1983, p. 94). A *emancipação operária* de que fala Gauny, portanto, nada tem a ver com “conscientização” ou “saber” da exploração, mas com um novo jeito de estar no mundo, novo jeito que exige certos cálculos para dar conta dessa exigência de liberação da alma, de sua liberdade. Não é um projeto a vir, mas um projeto presente em que se deve fazer “de chacune des démarches matérielles de ce corps – les courses alimentaires ou la recherche du travail – une occasion de faire circuler l’électricité de l’émancipation collective” (GAUNY, L. G. 1983, p. 94). As ações, assim, que esse corpo faz, como o vegetarianismo moderado que Gauny passa a praticar ou sua busca “livre” por empregos distantes, são exatamente o que faz, então, circular a energia da emancipação, que, notemos bem, se diz coletiva.

Si ses démarches sont infructueuses, remettant sa poursuite du travail au lendemain, il marche longtemps pour satisfaire son besoin d’action, et **jouir, en philosophe plébéien, des ravissantes nonchalances de la liberté**, que la pompe du soleil, que le souffle des vents, que sa pensée d’accord avec les fougues de la nature, comblent de sérénité et d’énergie! A force d’errer pour découvrir ce travail qui chaque jour devient plus indispensable, **il bat en brèche ses économies** et, prêt d’épuiser ses dernières ressources, il se surpasse en expédients afin de ménager le peu qu’il a, se macérant pour s’embaucher. (GAUNY, L. G. 1983, p. 47 – grifo nosso)

A temática do *plebeu*, de uma certa universalização da condição plebeia, é retirada, todavia, da paligenesia de Ballanche. Esse *trabalho sobre si*, como denomina Rancière, se diz também *coletivo* à medida que essa aposta que faz num outro tipo de vida, de trabalhar por empreitadas, de não temer o desemprego, etc.,

necessita “de um cálculo destinado a impedir o marceneiro de voltar a cair no círculo da necessidade e do trabalho ao dia” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 84), necessita, assim, de uma ciência nova, a *economia cenobítica*. Essa criação de Gauny, “transposição moderna da regra dos companheiros de Pitágoras” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 84), é o que permite um modo de “gerir o orçamento dos rebeldes, fazendo da restrição das suas necessidades o meio de comprar ao melhor preço o máximo de liberdade” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 84).

CENAS EDUCATIVAS

Não é de todo casual que as *ceas educativas* que apresentamos aqui, a partir de Gauny, decorram de um manuscrito de duzentas páginas que o *filósofo plebeu* reuniu ao olhar retrospectivamente sua vida. Talvez só retrospectivamente se possa pensar em *ceas educativas*. *Le Belvédère* constitui, assim, não só um texto autobiográfico, mas um texto que, tal qual a construção pavilhonar, contemple do alto o campo de visão que se estende ao longe. Lembremos que a expressão deriva do italiano, *bel vedere*, ver o belo, bela vista. O carpinteiro-taqueiro, que nas empreitadas operava o dissenso de contemplar a paisagem da vizinhança enquanto, com seus braços, construía o piso, chega aos oitenta anos ainda com essa imagem em mente. De uma certa forma, *Le Belvédère* pode ser lido, assim, como um grande *Le travail à la tâche*, paradigma do dissenso ranciereano. *Le Belvédère* é, também, a construção à beira do precipício, imagem de uma vida operária vivida sempre próxima de precipitar-se a qualquer momento.

Quando observamos, no entanto, nesse manuscrito de mais de duzentas páginas a importância dedicada aos seus encontros educativos, aos relatos desses momentos, então podemos tentar pensar efetivamente em *ceas educativas*. Antes, porém, de iniciarmos esse *ensaio* de escrita e de pensamento, lembremos que, assim como *Le travail à la tâche*, *Le Belvédère* é um texto escrito como o *relato de um outro*. Lá, *ce parqueteur, cet homme*. Aqui, “une autobiographie qui me fut léguée par un ami défunt” (GAUNY, L. G. 1983, p. 23). Esse espaço ficcional, esse *relato de um outro*, para além de alguma autodefesa, é também a liberdade de, como seus amigos das *noites proletárias*, já poder ser outro, de poder se apropriar da palavra de um outro, ainda que de si próprio erigido em obra de ficção, em *outro*. A alma que é operária de seu corpo, a vida que se constrói nas experiências, tal qual o socratismo cínico que segue, revela aqui também toda a sua potência.

A primeira *cena educativa* deriva de um encontro infantil, da contemplação dessas vitrines cuja barreira física não impedia as afecções da alma dos dois jovens investigadores pobres. A liberdade do olhar que enfeitiça, que convoca à luxúria não é aqui perdição, mas encontro.

En butte aux vagues de l'existence, sans oublier mes parents, je cherchais des amis de mon âge partageant mes goûts. J'en trouvais un tout à fait moulé sur ma nature. Entre nous, jamais de contestations, encore moins de disputes, mais pareils projets d'étude scientifique et d'exploration dans les curiosités du monde. Sans ressources pécuniaires pour conduire nos recherches, nous nous affolions de minéralogie, de botanique, de numismatique, d'archéologie et de fossiles, que nous pouvions dérober aux carrières. Ah! Les beaux jours de contemplation devant ce qui ne pouvait pas s'obtenir! Les étalages d'antiquités, de naturalistes nous exaltaient de convoitise, la vue de leurs richesses nous ensorcelait. Enfin désespérés de la disette de ces belles choses impossibles à saisir, nous nous fîmes silexomanes! Commençant des collections de cailloux, nous cherchions la cause de leurs couleurs et de leurs formes, nous perdant en conjectures délirantes pour la découvrir. (GAUNY, L. G. 1983, p. 25)

Encontro que se transformará em aprofundamento alguns anos mais tarde, quando Gauny, “por circunstância de vizinhança” encontra um mineralogista, um *maître savant*, portanto, para desespero de Rancière.

Par circonstance de voisinage, et malgré une très grande différence d'âge, je me mis en rapport avec un vieil émigré revenu en France avec les Bourbons. C'était un minéralogiste, auteur de plusieurs traités scientifiques, habile botaniste, fidèle au catholicisme, rempli d'urbanité, digne sans morgue et très dévoué **en cherchant à me communiquer son savoir**, suffisant à ses besoins d'anachorète au moyen d'une pension de six cents francs inscrits sur la liste civile. Souvent il m'emmenait harboriser à Vincennes; on se levait à quatre heures du matin pour surprendre l'aurore, car ce vieux savant était contemplateur. Arrivés au but de notre exploration, on recueillait des plantes; le cyclamen, la véronique, la tormentille, etc., dont il m'expliquait les merveilles de construction. (GAUNY, L. G., 1983, p. 28 – grifo nosso)

Trata-se de um “vieux royaliste qui emmène en promenade le petit Gauny” (RANCIÈRE apud GAUNY, 1983, p. 91), *promenades* que serão constantes nisso que Rancière chama de *aprendizagens culturais*, de “ferments d'une culture parallèle plutôt que «populaire»” (RANCIÈRE apud GAUNY, 1983, p. 90), que se forja nesses encontros entre *intelectuais semi-operários e operários semi-intelectuais* do século XIX. *Promenades* que, de algum modo, remetem à própria experiência escolar de Gauny.

Très jeune enfant, on me mit à l'école; j'en suivis trois. Dans les deux premières on n'exigeait de mon besoin d'agir que le supplice d'une immobilité absolue jusqu'à l'heure, si lente à venir, de la récréation. Atrophié par cette léthargie disciplinaire, mon être corporel ne put prendre son développement complet; [...] Le dernier pédagogue qui me prit sous sa direction, cumulait le rôle de *magister* et de celui de libraire. Chez lui, on apprenait à lire, à écrire tant bien que mal, sans souci de la grammaire, absente de sa classe. [...] mais mon maître d'école, dont j'estimais l'économie domestique, utilisait mes jambes au préjudice de mon esprit; j'étais le commissionnaire qui portait à ses clients les livres vendus. Courses délicieuses que j'accomplissais avec un zèle fanatique et une fidélité canine. **Echappé à l'abrutissement** d'une récitation du catéchisme, ce recueil d'un mysticisme absurde, **je rôdais à mon aise, libre comme le vent des montagnes à travers les attrayantes aventures de la rue**. A mon retour, j'essayais quelques réprimandes sur le temps triple que j'avais mis à parcourir mon itinéraire, mais j'objectais

l'embarras des voitures, la bagarre des bandes de boeufs qui, sous la restauration, traversaient la ville en l'encombrant. La sortie de l'école touchait presque à l'arrivée de ma course, et le plaisir de prendre bientôt ma volée tempérerait mon impatience. (GAUNY, L. G. 1983, p. 26-27 – grifo nosso)

Aprendizagem escolar que se junta alguns anos mais tarde com os ideais de sua *economia cenobítica* que privilegiam aos sapatos a boa soma de vinte e dois francos por ano, soma através da qual “on vagabonde dans les rues, on erre sur les routes, on s'égare, on rôde dans les bois” (GAUNY, L. G. 1983, p. 106). Após uma jornada de trabalho, nos conta Gauny, “il est bon de marcher à travers la multitude en retournant au gîte” (GAUNY, L. G. 1983, p. 106). Mas se é bom após um dia de trabalho, melhor ainda quando numa independência absoluta dispomos de nós mesmos. Nesses dias “il faut marcher de matin au soir, car la marche donne l'élan aux idées” (GAUNY, L. G. 1983, p. 106). Não é difícil enxergar aqui o Diógenes que Gauny tanto louva: “se promenant dans la ville, ses pas s'affermisaient comme ceux d'un maître dans sa propriété. Son corps était infatigable, car sa tête en portait aisement le poids en le soulevant de terre” (GAUNY, L. G. 1983, p. 121). Movimento errante, percurso, que é também um percurso da alma. O que o cínico Diógenes revela “rôdant parmi les monuments de sa ville admirable” (GAUNY, L. G. 1983, p. 122) não é só um movimento de seu corpo, mas também um movimento de sua alma: “libre en lui même, sa pensée se déchaînait à cette liberté, marchait en avant chercher le Vrai, c'est-à-dire l'idéal de la perfection humaine” (GAUNY, L. G. 1983, p. 121).

Essa *ascese cínica* que, segundo Foucault, revela que a questão do acesso à verdade não era para os antigos só uma questão racional, gnosiológica, mas também de uma mudança de si, de um *cuidado de si*. Se Gauny pode, então, retirar uma espécie de máxima: “quand on se livre aux plaisirs de la continence, on tranquillise la bête en donnant l'âme à l'immensité pour champ de course” (GAUNY, L. G. 1983, p. 120) reencontra o sentido grego dos *theoroi*, dos espectadores gregos que transitam entre cidades, transposto no mito de Er platônico como a alma que percorre dois mundos e pode então nos contar o que viu: “dans ces moments-là [de liberdade] on a en soi comme un être immortel qui fut **témoin** des âges perdus en aimant à raconter à la rêverie ce qu'il s'en rappelle. Ce **fantôme dans l'âme** est peut-être la vague souvenir des existences parcourues, car les êtres et les lieux qui passent dans la réflexion prennent de la vitalité **en se promenant dans l'histoire**, les régions où s'accomplissent ces événements sont tactiles à la pensée” (GAUNY, L. G. 1983, p. 120 – grifo nosso).

Uma outra *cena educativa* de Gauny, talvez a mais emblemática, a mais citada por Rancière ao descrever a *aprendizagem cultural* desses operários do século XIX, suas apropriações da palavra do outro, é a que nos conta sobre o modo como Gauny

aprendia literatura em sacos de pão.

Bienheureux de lire, les douze ou quinze volumes dépareillés qui composaient notre bibliothèque de famille furent vite dévorés; mais je ne désespérais pas pour si peu. Avec l'aide de mon excellente mère, je m'organisais une collection de lectures insolites dans leur amalgame, mais précieuse de mes efforts pour en rapprocher la pagination et combler les lacunes. Dans ce temps-là, c'était le pactole des sacs imprimés qui servaient à contenir les graines, sucre et café livrés à l'acheteur et que ma mère m'abandonnait. Ils n'étaient pas, comme aujourd'hui, blancs, jaunes ou bleues, sans autres lignes intéressantes que la réclame du spéculateur. Dans ces vieux sacs, que je regrette, quelle diversité de littérature! Histoire, voyages, annales des empires s'y multipliaient en étincelant à mes yeux. Ma passion de lecture prenait ses élans échevelés dans ces **forêts intellectuelles** remplies de ruptures, où la route ne se retrouvait que cent pages plus loin, engloutissant dans ma faim livresque le prolixe et le sommaire, le classique et le romantique, admirant l'attitude et la couleur des mots dont se décore la pensée! (GAUNY, L. G. 1983, p. 27-28 – grifo nosso)

Essas florestas intelectuais são as mesmas florestas de signos de que falava Jacotot: “ele [Jacotot] somente lhes havia dado a ordem de atravessar uma floresta cuja saída ignorava” (RANCIÈRE, J. 2005, p. 27). Trata-se, como adverte Rancière, de um trabalho poético de tradução que está no cerne de toda aprendizagem. O que Gauny fazia com os sacos de pão é, assim, o trabalho de tradução que toda aprendizagem faz ao tentar transpor a distância que separa aquilo que ignora daquilo que sabe. Se a *cena educativa* de Gauny exponencializa isso ao se mostrar uma espécie de quebra-cabeça radical, na qual as peças faltantes precisam ser reencontradas cem páginas à frente, ainda assim trata-se daquilo que Jacotot cunhara como *Ensinho Universal*, esse ensino de que todos nós, em algum momento de nossas existências nos servimos ao ligar algo que ignoramos com o já sabido quando não há outro recurso disponível. Se esse trabalho de tradução de Gauny lhe proporciona matar sua fome de leitura isso também parece revelar que a proximidade da palavra “educação” do universo alimentar não é fortuita. Se os gregos possuíam a palavra *trophé* e a *educatio* latina não deixara de ser traduzida até o início do século XVIII, em francês, por *nourriture*, a fome de leitura de Gauny mostra que esse crescimento é sem previsão e sem método. Não há criação que garanta efetivamente um resultado esperado, *pré-visto*. Se a leitura forma, idem a educação, essa forma não possui uma fôrma pronta.

La lecture, plus que jamais, me passionnait de son monde imaginaire que j'acceptais comme une réalité. Affamé de savoir, tout livre m'était digestif, depuis l'almanach jusqu'à l'encyclopédie m'enfonçant dans le vague du destin **sans prévoyance et sans méthode**, m'égarant dans les désirs inconscients d'une possession perdue dans le vide de la pensée. (GAUNY, L. G. 1983, p. 30 – grifo nosso)

Se Gauny se aventura sozinho pela *floresta dos signos*, nem por isso nega a companhia de *mestres sábios*, como vimos há pouco, que lhe *instruem*, que lhe

explicam, como o soldado Jules Thierry que lhe inicia nos *saberes filosóficos*.

La révolution de 1830 me réunit à un jeune soldat dont je fus l'ami fidèle pendant treize ans, terme de sa mort. **Instruit aux sources pures d'une étude et d'une éducation rationnelles, il [trata-se de Jules Thierry] fit luire un peu de lumière dans mon ignorance. Dans nos promenades lointaines**, quel plaisir j'éprouvais à ses doctes entretiens! Linguiste et psychologue, **il m'expliquait** le radical et le figuré des mots d'où jaillissent les splendeurs de la phrase. Nous aimions à nous arrêter devant la structure des lettres en notant leurs timbres oratoires, et **de l'infime nous nous tendions vers l'universel**, lui demandant compte de son immense inconnu! (GAUNY, L. G. 1983, p. 31)

Como o filósofo platônico da alegoria da caverna Thierry fez acender um pouco de luz na ignorância do jovem Gauny. O saber epistêmico, que do mais particular tendia ao mais universal, traz na explicação a sua força. É também uma das recomendações de Gauny a Ponty: “Ô Louis! **Promenons-nous dans les cavernes de l'existence**; guidés par la lumière des coeurs incorruptibles, nous traverserons ses ténèbres effrayantes sans prévariquer ni frissonner sur la fin du voyage” (GAUNY, L. G. 1983, p. 187 – grifo nosso). Gauny aprendera a *lição* de Thierry. Não é, assim, tão radical quanto Jacotot a respeito das explicações. Para si, vale mais a experiência da amizade do que propriamente uma prerrogativa teórica. Os desejos dos proletários iniciados no saint-simonianismo, de que Thierry e Gauny farão parte, ainda que esporadicamente, se baseia principalmente na “cumplicidade da amizade, ressonância do semelhante com o semelhante, sobretudo aberta à conspiração universal das harmonias e não complementaridade das qualidades” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 110).

Na verdade, são *quase saint-simonianos*, como atesta uma carta de maio de 1832. Se “não poderão beber na religião nova da fraternidade sem a espalhar ao vento dos seus passeios sonhadores” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 110), sua *propaganda dominical* é “muito diferente das organizadas racionalmente pelos politécnicos saint-simonianos ou pelos estudantes republicanos das faculdades de Direito e de Medicina: estes frequentam as tabernas onde se reúnem os operários, identificam aqueles cuja força persuasiva suscita o interesse dos seus irmãos, conhecem os quartos alugados em que uma dada brochura poderia provocar a faísca; aqueles estabelecem listas de moradas para uso dos seus missionários, que lhes seleccionam em troca o público dos seus ensinamentos” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 110), à maneira semelhante como pregam hoje as Testemunhas de Jeová, por exemplo. Os três amigos operários, nesse domingo de maio de 1832, de que nos conta a carta, fizeram um outro movimento, “partiram para dar largas à sua liberdade, degradada em cada dia de trabalho” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 110-111) e se encontram agora na estalagem de uma aldeia.

Nous retournâmes à la chambre que tu connais [a carta é dirigida ao irmão Bergier]; après avoir apaisé les besoins de la matière, l'esprit retrouva sa vigueur et comme nous n'étions pas les seuls commensaux du lieu, nous nous mîmes à les lavatiser [expressão retirada de Johann Kaspar Lavater, fundador da fisionomia, a arte de conhecer a personalidade das pessoas pelos seus traços fisionómicos]; une douzaine d'entre eux occupaient une salle contiguë à la nôtre; parmi eux quatre furent aimés mais nous les conviâmes tous à fraterniser. [...] Alors, Boileau, Thierry et moi nous fûmes une tempête pensante entourbillonnant dans nos saints transports les emportements de ceux qui nous entouraient; nous fîmes concevoir à ses hommes encore ou farouches ou restreints ce que nous entendons par une âme, par vertu; nous avons arraché plus d'une corrosion, éteint plus d'un incendie, inauguré le tutoiement, éloigné la licence et fait des presque saint-simoniens! (GAUNY, L. G. 1983, p. 153)

Se Rancière enxerga nesse *quase saint-simonianismo* o essencial da religião nova, é porque já está ali, no relato de Gauny, os principais princípios da doutrina. Certamente “estes «quase saint-simonianos» não terão **aprendido** grande coisa quanto à divisão em classes segundo as capacidades, a remuneração segundo as obras e outros princípios da doutrina” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 112), mas já terão aprendido o fundamental: “coisas que corroíam eliminadas, os incêndios extintos, o bálsamo vertido sobre as ulcerações do velho mundo que reacende a capacidade de amar, a revelação de um outro mundo e a iniciação a um novo mundo de relações entre os seres” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 112). Não se trata de provar a “superioridade da organização saint-simoniana do trabalho”, mas de “mudar a partir de agora a sua **maneira de ser**, de extirpar essa brutalidade de sentimentos que a brutalidade dos gestos do seu ofício quotidiano comporta” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 112 – grifo nosso). Trata-se de um *trabalho sobre si*, portanto, de uma certa ética, poderíamos, quem sabe, afirmar. O que a emancipação de Gauny revela é um projeto voltado à existência, a um trabalho sobre a sua própria vida. É assim que o *filósofo plebeu* opera a sua persuasão simpática que passa certamente pelos *aprendizados culturais* da homeopatia de sua época.

... enchainé au **carnivorien** à la face terrible, un instant j'ai monté ma voix au diapason de sa colère et, fouillant dans son âme égarée, j'ai trouvé une volonté forte, une frénésie qui n'est qu'une démente de virtualité; je crois avoir étanché un peu la bave qui l'enduit car il était au large avec moi, je m'étais fait presque lui pour mieux le concevoir; il m'avoua ses fureurs, il goûta plusieurs de nos opinions; il me promit qu'en éventrant ses brebis il ne serait plus infernal dans cette nécessaire atrocité. (GAUNY, L. G. 1983, p. 153 – grifo nosso)

Assim, “nesse domingo em que os velhos crentes se reúnem em torno do seu pastor para consumir a carne e o sangue do Cordeiro Divino, os caminhantes **ensinam** o tanoeiro, o vinhateiro e o megarefe a suavizar os furores do vinho, do sangue e da carne, a despojar do seu furor sacrificial o gesto que mata as ovelhas”, pois “o amor novo é, por direito, uma religião sem sacrifício” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 112). Também revela um princípio da *economia cenobítica* de Gauny: “dans les

cuisines communes (auberges, petits traiteurs, gargottes) on a bouillon, viande, légumes tout préparés pour 35c; système de consommation assez philosophique et social, facilitant la propagande entre convives de la même table” (GAUNY, L. G. 1983, p. 103).

Contudo, esses “sonhos de amor dominicais” não resistem por muito tempo à “lei da semana, à ordem dos trabalhos e das famílias”. Bergier, a quem Gauny escreve a carta, “pressionado pela mulher e vítima de um sogro que vê sobretudo na família saint-simoniana uma clientela para os seus trabalhos de pintura, abandonará o hábito e retomarà a sua profissão de ladrilhador.” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 113). Boileau, sapateiro, “regressará ao anonimato proletário, sonhando mais tarde em partir para Icária, o que nunca acontecerá” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 113). E “a divina amizade entre Gauny e Thierry acabará por sucumbir às atribulações conjugais deste último” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 113). Se Rancière preocupa-se com esses *encontros falhados* para pensar a política, talvez pudéssemos nos perguntar, agora, inversamente, pelo seu sucesso para pensar a educação. Se esse *quase saintsimonismo* não resiste por muito tempo, se o sonho operário se frustra, em certa medida, nem por isso o sentido das amizades educativas de Gauny se esvaem, como demonstram seu olhar retrospectivo sobre cada uma dessas figuras. Do ponto de vista da *cena educativa*, portanto, talvez valha uma reconsideração a respeito desses *encontros falhados*. De fato, essas amizades de Gauny, esses *encontros educativos*, são tão mais vivos e contagiosos quanto nunca são “mais do que um encontro de passagem” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 115).

Au courant des émeutes de 1840 [greves que marcaram o início do autono de 1840], je rencontrais un **gladiateur** de race primesautière [provavelmente François Delente, membro ativo da Sociedade dos direitos do homem]. C'était un logicien redoutable aux sophistes. [...] Que idées sérieuses, humoristiques et sociales, nous avons rémuées ensemble! Que d'hypothèses sur la vie d'outre-tombe nous nous donnions rendez-vous! Que de revendications, parfois trop paradoxales où nous frôlions le clandestin!... C'était un **éclaireur** infatigable courant à la découverte de l'avenir. Pétri de pensées et d'actions, son regard et **sa parole de propagande greffaient au coeur de ses adversaires chancelants l'émancipation qui l'inspirait**, rendant à ses coups l'hommage de ne pouvoir y répondre. (GAUNY, L. G. 1983, p. 31-32)

Esse reencontro com um *gladiador* que, em *Économie cénobitique*, é, também, um trabalhador revoltado, alguém que, “perdido na arena imensa da vida, deve considerar-se um **gladiador independente**, abandonado por aqueles mesmos que partilham a sua causa” (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 114 – grifo nosso), arena imensa que é também o deserto onde prega um *revoltado* São João. Também ele “lançait sa parole au milieu d'eux comme un rocher roulant” (GAUNY, L. G. 1983, p. 124) e era compreendido por lhes falar ao coração. Profeta, “soulevant les foules par un mot de rébellion et regardant dans les profondeurs de l'avenir, il apercevait au fond

d'une vision prodigieuse le révélateur de la liberté universelle triomphant, agonisant et sanglant" (GAUNY, L. G. 1983, p. 122).

A tensão entre Diógenes e São João revela aqui, também a sua força. Trata-se de um ponto-chave do *aprendizado* de Gauny: "o rebelde não cessa de fazer a viagem **entre esses dois locais**, estes dois modos de existência da liberdade: o **deserto** onde «fermenta o pensamento sedicioso» e «a extrema multidão» cuja densidade, por si só, lhe confere, pela sua velocidade de propagação a força explosiva" (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 115 – grifo nosso). No primeiro local habita São João Batista, no segundo, Diógenes. São "dois momentos na **formação da consciência rebelde**" (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 115 – grifo nosso). Diógenes é "o momento em que forma a individualidade rebelde pela invenção da ciência estranha de «tudo possuir sem nada ter, atacando a propriedade com a renúncia»" (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 115), o que lhe confere os perigos de permanecer preso a uma "filosofia prática" que se dá por satisfeita ao "possuir «uma moral activa, uma inteligência usual que possam aumentar a liberdade e a felicidade do cidadão»" (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 115) Uma ética *pura*, portanto, desatrelada de qualquer tendência à política, talvez pudéssemos dizer.

João Batista, por sua vez, mantém-se "para além dos equilíbrios do entendimento rectificado" (RANCIÈRE, J. 2012a, p. 115). É o momento do espírito em revolta, da consciência rebelde enquanto motor da ação revolucionária, uma espécie de política *pura*, portanto. Gauny, como o rebelde ao fazer a viagem *entre* esses dois locais, *entre* esses dois modos da existência da liberdade, é, assim, uma espécie de *theoroi*, de espectador em sentido antigo, o único a viver a tensão da experiência da viagem *entre* a ética e a política. A *emancipação universal* que prega é uma mistura de dois mundos, de duas maneiras de ser. De um lado o cinismo a nos ensinar a ser "o cidadão que se constitui senhor de si". De outro, o profetismo batista a nos ensinar o "facho das revoluções". Se há uma regra de vida do *cenobita moderno* Gauny, essa é uma regra de vida forjada no *entre*, no intervalo entre dois modos de existência.

Não deixa de ser revelador, assim, que um de seus principais amigos e confidentes seja o seu contraditor Ponty, para quem a ascese moral não fazia grande sentido. Não se trata, portanto, de um lugar seguro, estático, harmonizando as tensões do conflito entre esses dois mundos. Trata-se de um intervalo cujo exercício é tentar preenchê-lo. Só assim é que podemos entender a disposição e o afeto que demonstra com o limpa-latrinas Ponty, a lhe questionar a todo instante, em sua inversão do dia pela noite, no seu sensualismo, a impotência ou a fragilidade da sua crença ascética.

Essas *cenias educativas* nos mostram, assim, uma variedade de movimentos que formam uma certa maneira de ser, forjada no *entre*, forjada à beira do precipício do Belvedere. Não exprimem uma unidade a não ser, talvez, no aspecto de amizade

que possuem. Não revelam, contudo, um conteúdo unificador, nem mesmo uma metodologia semelhante. *Aventura-se, instrui-se, ensina-se*, tudo isso resulta num Gauny, como resultaram em inúmeros outros operários das *noites proletárias*, assim como resultam em nós mesmos nos dias de hoje. No *ensaio* que iniciamos aqui ao pensar essas cenas seguimos uma pista de tentar pensar o *lugar da educação* a partir de uma exploração horizontal dos relatos formativos de Gauny, numa certa aproximação com o modo como Rancière trabalha as *cenas políticas*. Não são as mesmas cenas. Não são o mesmo. Mas, também, não são de todo distantes. A implicação entre uma e outra talvez não revele o modelo causal no qual se funda a lógica pedagógica, no qual buscamos pensar nossas intervenções como professores. Todavia, o olhar retrospectivo de Gauny nos revela alguém ciente dos encontros educativos que lhe ajudaram a percorrer seu caminho até os oitenta anos.

Pensar a educação por *cenas* talvez nos ajude, assim, a deslocar o foco de uma preocupação eminentemente filosófico-histórica, ou filosófico-política, para tentar pensá-la em seu aspecto estético-político. Ou um pouco à revelia de Rancière, mas mais próximo de Birnbaum (2013) e de Foucault, e também de Gauny, pensá-la em seu aspecto ético desatrelado de toda pedagogia. Certamente não nos desligamos por completo de pensar a educação como uma questão filosófico-política. Ela sempre será uma *questão* à filosofia política, como demonstramos em nossa tese. Pensar por cenas pode nos proporcionar apenas uma intensidade das relações presentes que uma outra perspectiva talvez não dê conta.

Contudo, como dissemos ao início, trata-se de um ensaio. Não sabemos ao certo onde essa perspectiva pode nos levar. Mas, assim como Gauny, propomos nos arriscar um pouco à beira do Belvedere. Privilegiar apenas o aspecto jacotista da análise de Rancière sobre a educação, sobre a emancipação intelectual nos parece, assim, uma análise superficial de sua obra. É preciso pensar que, para além de Jacotot, existiu um Gauny na vida de Rancière. Qualquer perspectiva de análise que parta de Rancière e negligencie esse *fato* trabalha, literalmente, pela metade.

REFERÊNCIAS

BIRNBAUM, A. **Trajectoires obliques**. Paris: Sens&Tonka, 2013.

CHAMBERS, S. A. **The lessons of Rancière**. New York: Oxford University Press, 2013.

GAUNY, L. G. **Le philosophe plebéien**. Paris: Presses universitaires de Vincennes, 1985.

RANCIÈRE, J. **A noite dos proletários**. **Arquivos do sonho operário**. Lisboa: Antígona, 2012a.

_____. **A partilha do sensível. Estética e política**. Porto: Dafne editora, 2010.

_____. **La methode de l'égalité: Entretien avec Laurent Jeanpierre et Dork Zabunyan**.

Paris: Bayard, 2012b.

_____ **Et tant pis pour les gens fatigués.** *Entretiens.* Paris: Éditions Amsterdam, 2009.

_____ **O desentendimento – política e filosofia.** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____ **O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____ **O ódio à democracia.** São Paulo: Boitempo, 2014.

_____ **O espectador emancipado.** Lisboa: Orfeu negro, 2010.

RUBY, C. **L'interruption. Jacques Rancière et la politique.** Paris: La fabrique éditions, 2009.

NORDMANN, C. **Bourdieu/Rancière. La politique entre sociologie et philosophie.** Paris: Éditions Amsterdam, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Água 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34

Alfabetização 71, 125, 133, 134, 135, 139, 142, 144, 152, 231, 234, 237, 238, 242, 247

Alfabetize 133, 134

Aprendizado 20, 24, 33, 54, 79, 85, 97, 122, 127, 133, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 179, 202, 204, 206, 208, 228, 246, 259, 302

Aprendizagem 1, 2, 4, 5, 6, 10, 11, 15, 17, 20, 25, 26, 27, 30, 32, 33, 34, 35, 43, 51, 54, 70, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 130, 133, 134, 142, 143, 151, 152, 156, 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 189, 192, 198, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 222, 226, 227, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 260, 262, 265, 267, 273, 275, 280, 282, 287, 289, 291, 297, 298, 306, 307, 308, 315, 321, 341

Assimetrias 188, 190, 191, 199, 200

B

BNCC 45, 46, 211, 212, 213, 216, 217

Brincadeira protagonizada 36, 37, 39, 43

C

Corpo 11, 168, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 195, 253, 262, 283, 284, 290, 294, 295, 297, 307, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 342, 348, 349, 350

D

Desafios 15, 49, 51, 96, 100, 103, 105, 108, 143, 176, 189, 191, 200, 201, 204, 206, 214, 222, 244, 254, 274, 279, 286, 318, 319, 349

Desenvolvimento profissional 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 286, 288

Dicotomia corpo/mente 177

Direito 8, 15, 21, 52, 72, 73, 75, 78, 123, 127, 128, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 159, 163, 212, 259, 260, 270, 288, 299, 300, 319, 343, 344, 345

E

Educação continuada 133, 136, 142

Educação infantil 35, 36, 39, 41, 42, 43, 72, 231, 305, 306, 308, 309, 311, 348, 350

Educação profissional e tecnológica 1, 2, 3, 12, 13

Educação pública 45, 46, 47

Educação superior 3, 12, 158, 159, 160, 164, 165, 166, 175, 176, 188, 189, 190, 191, 199, 200, 229, 248, 256

Eficácia social 145, 146, 147

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 41, 42, 48, 50, 52, 55, 59, 73, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 99, 100,

107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 123, 126, 131, 135, 143, 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 231, 232, 233, 234, 237, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 267, 268, 270, 271, 277, 278, 280, 282, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 298, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 315, 345, 349, 351

Ensino de química 25, 31, 33, 34, 35

Ensino médio 6, 7, 9, 16, 24, 25, 27, 34, 59, 88, 90, 91, 94, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 164

Ensino público 163, 171, 201, 204

Ensino superior privado 157, 158, 159, 160, 164, 166, 167, 172, 175, 176

Estatística aplicada 54

Extensão da sala de aula 54

Extraescolares 14, 17, 19, 20, 21, 22

F

Fanfics 211, 212, 213, 215, 216, 217

Formação de professores 1, 13, 21, 36, 41, 133, 143, 188, 189, 199, 245, 246, 256, 263, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 306, 308, 311, 312

Foucault 177, 178, 179, 182, 185, 187, 297, 303, 325, 327, 329, 334, 348

Fracasso escolar 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

G

Gestão democrática 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

Gestor escolar 45, 47, 49, 50, 51, 53

I

Inédito-viável 201, 202, 205, 207, 208, 209

Intraescolares 14, 17, 19, 20, 22

J

Jogo didático 24, 25

L

Legislação 2, 6, 47, 48, 49, 126, 145, 155, 199, 254, 256, 261, 268

M

Merleau-ponty 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Multidisciplinaridade 109

N

Nanociência 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

Nanotecnologia 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116

P

Perfil docente 1, 2, 4, 11

Precarização 157, 158, 159, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Produção de texto 140, 211, 212, 213, 215, 216, 217

Professor 2, 4, 5, 7, 10, 11, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 38, 57, 58, 73, 81, 93, 102, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 134, 136, 138, 143, 144, 152, 168, 171, 188, 189, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 258, 259, 261, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 306, 308, 312, 313, 317, 318, 319, 320, 336, 339, 347

Psicologia histórico-cultural 20, 36, 43

T

Tecnologia 1, 2, 3, 7, 10, 12, 27, 69, 106, 107, 111, 116, 135, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 222, 225, 229, 249, 261, 263, 334

Trabalho docente 5, 131, 157, 158, 159, 161, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0